

A MEMÓRIA DO TEMPO E DO ESPAÇO NOS TRILHOS DA FERROVIA

Juliana Fernandes Ribeiro Dantas (UFRN)
Orientador: Marcos Falchero Falleiros (UFRN)

Resumo:

Este artigo encontra caminhos percorridos através da memória por sobre os trilhos de Ferrovia (2007) e baseia-se no livro *Memória e Sociedade* (Bosi, 1994). O homem tem as recordações de menino e recria no ofício do verso o espaço da sua fase primeira, ilustrando o que o tempo não foi capaz de apagar, permitindo ao poeta fazer recortes e nos oferecer saborosas fatias de sua história e da história das personagens que chegam, partem na estação de Alexandria. A partir dos resgates da memória ou da (re)criação das lembranças é que se constroem as estrofes. É possível embarcar em um trem sóbrio, cheio de cinza. Seguimos viagem em terra e tempo potiguares, por meio da poesia de Demétrio Diniz, nascido em Alexandria, e que depois da infância passou a residir na capital. É um empresário que sabe administrar as palavras. Em Natal (RN) produziu e publicou seus livros: *Passarás* (1999), *Haveres* (2004), *Ferrovia* (2007), entre outros.

Palavras-chave: ferrovia, memória, infância

“E eu não sabia que minha história/ era mais bonita que a de Robinson Crusóé”
(Carlos Drummond de Andrade)

Demétrio Vieira Diniz nasceu em Alexandria, no alto Oeste potiguar, Rio Grande do Norte, em 1946. Poeta brotado na simplicidade do sertão, trouxe sua lírica para a “cidade grande”, lírica repleta de riquezas que nos fornecem a construção do ambiente, da personalidade das personagens ilustradas nos versos, das estações que se configuram quase sempre através de dias quentes e cores comumente sóbrias, das alegrias e dores presentes na memória do homem adulto, lembrando seu passado.

A poesia demetrianiana é bastante intimista, percebemos aspectos autobiográficos no retrato da infância e na revelação de uma eterna saudade, descrita não em forma de clichês, do vazio de um lugar-comum, não. Não se trata disso, há uma saudade melancólica, simples, sincera, sem floreios, direta e conformada de quem viveu plenamente tudo o que foi possível na infância e lembra, com olhos observadores e amorosos, de cada detalhe, fazendo surgir essa poesia contista, de um eu lírico cumprindo papel também de narrador, utilizando a magia da descrição do ambiente em sua construção poética.

Percebemos a sensibilidade em seus escritos, situações comuns são transformadas em grandes histórias, compostas normalmente por uma construção melódica que nos faz seguir uma canção carregada nas estações do trem de Ferrovia. São densos significados seguindo viagem, viagem esta em que nós compramos a passagem de ida sem certeza do retorno, pois há uma imersão nessa estrada de ferro cheia das inquietudes apaziguadas pelo tempo, mas ali presentes, redimensionadas.

As “narrativas” de Demétrio, de certa forma, dialogam com alguns poemas do célebre poeta modernista Manuel Bandeira. Ambos apresentam essa proximidade com a vida cotidiana, com os laços da infância, com os resgates da memória e também com a

capacidade de nos situar nos ambientes descritos em seus versos. Há ainda a perspectiva da morte, o saudosismo sem o exagero dos autores românticos, a simplicidade da linguagem e a singeleza dos dizeres. São muitas as aproximações, porém cada um dos poetas com seu traço, seu fio, fiando a linha do trem.

O trem de Bandeira apresenta maior sonoridade: “*café com pão/café com pão/café com pão*”. Conseguimos perceber o ritmo da máquina, a sua corrida, a sua rotina e o ritmo do homem que segue por esses trilhos de ferro para alimentar a vida, para chegar ao trabalho para obter o pão de cada dia: “*Agora sim/café com pão*”. As repetições e aliteraões das palavras, a música morando dentro do poema, aproxima-o da vivência popular, lembra-nos das cantigas de roda, da gente comum do povo, que corre e tem pressa para fermentar a sua existência. O trem de ferro de Bandeira ganha cores na passagem de bicho, povo, ponte, poste. Tudo passa velozmente e arranca o cinza da imagem, oferece um leque de cores, de coisas, de pessoas que sempre carregam muitas histórias e pensamentos.

O trem de Demétrio não tem uma reta, é curvilíneo, sinuoso e apresenta um ciclo, esse ciclo é a própria vida. A que é vista pela janela, pelos olhos observadores do poeta e pela vida vivida. Por meio dos poemas de crianças, veremos a luz dourada do dia, veremos os versos de morte, viajaremos para outros países, deixando Alexandria um pouco na parede da memória e encontraremos o cinza, a melancolia, a ausência de tons vivos.

A beleza está também na liberdade. Em um poema do livro “*Passarás*”, publicado em 1999, encontramos o seguinte verso: “**Só se anda bem/por onde se quer andar**”. Nesse trecho, Demétrio evidencia a liberdade dos caminhos, a certeza de que seu destino é ele mesmo quem traça, estando satisfeito apenas quando segue o desejo de seu coração. Ilustrando o componente dos sonhos, que está presente em sua obra, os poemas, não apenas de *Ferrovias*, mas de toda a sua produção literária, revelam um menino e/ou um homem que estão sempre em busca da realização de seus sonhos, fazendo com que compreendamos o que foi vivido no passado, visto agora com olhos contemplativos e conformados, de doce maneira. Há, nessa conformação, não uma submissão aos fatos da vida, mas a percepção de que podem ser transfigurados através da poesia. A realidade triste, as lembranças dolorosas que revelam muitas perdas, são compensadas por vontades, pelo desejo inesgotável de ver beleza e valor nas tristezas.

No livro *Haveres*, há, no prefácio de R. Leontino Filho: “*O poeta sabe, de olhos fechados, o peso invisível dos ventos.*” De forma tão poética, a análise de Leontino permite-nos situar o silêncio que há na poesia demetrianiana e por meio dessa passagem supracitada é possível afirmar categoricamente que Demétrio Diniz é de fato um poeta, pois sua composição versificada é digna dessa definição, o não dizível, o não visível, o não audível compõem múltiplos significados e esses significados estão presentes no silêncio e não formam uma ausência em nós; na verdade, passamos a nos sentir cheios, repletos das lembranças furtadas ao eu lírico ou, por que não dizer, ao autor? Já que no caso de sua produção poética, vida e obra se confundem, atrelando-se também ao mundo “lá de fora”, em que as histórias de sua cidade, a vida do povo ou as histórias contadas pelo seu avô formam essa conjuntura metafórica e lírica exposta na produção do autor alexandriense. E esse é mais um ponto em comum com o mestre Bandeira. Afinal, sabemos que o poeta pernambucano conviveu a sua vida inteira com a tuberculose, doença que em sua época era considerada sentença de morte. Com isso, Manuel Bandeira escreveu diversos poemas com essa temática, aproximando vida e obra. O que podemos ver na obra de Demétrio, porém em outra perspectiva, a de quem vivencia muitas despedidas e lembra-se de histórias tristes sobre a morte na sua infância, no entanto não é ele próprio um moribundo, tal qual Bandeira foi.

Quando lemos a obra poética completa de Demétrio, constatamos a onipresença do

poema narrativo, presente sempre um contador de histórias e causos, conduzindo as estrofes. Mais do que isso, observamos as personagens. Personagens que, por meio do espaço, têm construídas as nuances de suas personalidades e de suas vivências. Encontramos em *Ferrovias* criaturas como o Padre Carlos e seu jeito desengonçado. A batina suja fermenta as lembranças do menino e de outras crianças que se aproximavam do padre por afinidade e o rodeavam barulhentos e alegres. **“Padre Carlos era um ímã pras crianças./ O nome pequeno, claro, e a batina suja facilitavam a aproximação.”** Mickael (um dos personagens do livro) menino com visão romântica e poética a respeito do maior temor do ser humano, a presença da morte, imagina um destino singelo e doce para seu pai no campo divino, de uma maneira moderna, inocente e bela: **“Agora tem uma casa no céu./De noite, quando faz frio/meu pai se enrola nas nuvens”**. Ana (também personagem de um dos poemas) e sua morte trágica, mesmo em meio ao horror causado pela forma do falecimento, há uma singeleza nas “últimas palavras” da infante, a preocupação com suas bonecas, “as filhas” da infância feminina e também a delicadeza poética de querer observar a beleza da luz dourada da tarde, como forma de virar a página desta vida em cor esplêndida: **“Sabe-se também que ao morrer/a menina recomendou as bonecas ao pai, que as guarde bem, /não tenham fome nem frio e só a deixassem ir depois da luz dourada das quatro e meia da tarde.”** Rosa Maria Gonçalves, e quem foi de fato Rosa Maria Gonçalves, isso não tem importância, significativo é o contraste no cotidiano revelado no poema **“Manhã de terça-feira”** sobre a beleza da vida, a meninice, os sonhos, os sorrisos e o feio, a morte, a tristeza, a despedida. O que na verdade se funde, pois há beleza na feiura. Esses contrastes da **“felicidade e horror no cotidiano”** são uma constante nas inscrições de Demétrio. **“Também não se sabe de que morreu./ A morte, como a vida, se anuncia aqui em sacos plásticos.”** E todas essas personagens embarcam no trem da vida e na memória do poeta. E em Bandeira: **“Morrer./ Morrer de corpo e alma./ Completamente.”** (...) **“Morrer mais completamente ainda,/ sem deixar sequer esse nome.”** Bandeira não só nos deixou o nome, como deixou registrada a sua vida, um retrato de uma época, uma poesia de arquitetura resistente ao tempo e ao espaço de qualquer trilho. Deixou o trem e Demétrio embarcou nesse trem em outra estrada. Ambos tratam a morte com naturalidade e beleza. A morte, essa “criatura” obscura dos tempos atuais, o “ser” temido e “apagado” da rotina da vida contemporânea, pois as pessoas preferem fingir uma imortalidade para planejar sua rotina. Bandeira e Demétrio desconstróem esse apagamento da morte da nossa sociedade e a ilustram em suas poesias, expondo a importância de se observar, construir e seguir a vida.

Em relação aos aspectos de memória, para Vera Maria Antonieta Tordinio Brandão:

São as memórias como acervo pessoal dos fatos vividos pelo indivíduo ao longo da vida, passíveis de ser recuperados, chamados pelo presente, se um maravilhoso e intrigante processo - envolvendo o resultado de interações bioquímicas acrescido de emoção, motivação e desejo- levá-los à consolidação, ou seja, torná-los uma história a ser narrada. Assim, podemos pensar em memórias no seu sentido plural.

Assim podemos pensar a poesia do autor potiguar, nesse sentido plural em que suas memórias são narradas em versos, retiradas do seu acervo pessoal e abertas em leque para o leitor, que pode caminhar pelas ruas de Alexandria, banhar-se no **Riacho**, absorver a chuva do caminho com os dias quentes de sol nascente nos becos da cidade. O poeta sabe

encontrar grandezas nas pequenas coisas, ilustrando a importância do viver em simplicidades cotidianas presas na memória. No entanto, o poeta as recupera, tira da gaveta e põe na janela do livro para que possamos passear por entre seu álbum do passado. Assim o fez Bandeira, em tempos um pouco mais distantes, final do século XIX e início do século XX, possibilitando-nos conhecer a história do nosso país, a convivência com a abolição da escravatura, o início do Modernismo, de uma nova configuração poética, de uma nova identidade na literatura brasileira; todos esses aspectos são percebidos na poesia de Manuel Bandeira. Ainda nesse contexto, encontramos uma excelente colocação de Vera Maria Antonieta Tordino Brandão:

Todo o nosso percurso, até aqui, foi indicando que as noções dos tempos e memórias são indissociáveis. Não podemos abordar um sem o outro. A palavra tempo deriva do termo latino *tempus*, e é definido como “(...) a duração relativa das coisas que cria no ser humano a sensação de presente, passado e futuro” (Houaiss,2001). Quando vamos ao encontro do passado, por meio da memória, partimos do presente. É do hoje que parto rumo ao passado. Trago comigo a memória dos tempos: um tempo externo, Cronos– objetivo, histórico, datado, irreversível; e um tempo interno, Kairós – subjetivo, vivido, reversível.

Podemos associá-las perfeitamente à produção demetriana, pois, de fato, não há como desassociar tempo e memória. Demétrio recorta suas lembranças, utilizando o seu momento presente para figurar o passado, há uma viagem através do tempo cuja bagagem só é possível de ser encontrada graças aos mecanismos da memória e também da maestria do poeta de saber realizar esse jogo da busca pelos sonhos e de reconhecer a si mesmo associado à vivência de sua história. Há Cronos em seus versos. Determinando, categorizando, perpetuando o que não pode ser modificado. A tristeza, a morte, o cinza são Cronos, devorador da paz. Mas também há Kairós, que subverte a tristeza para transformá-la em beleza, até a morte tem cores límpidas. A infância possui as alegrias de encontrar felicidade no chão amarelo de cajaranas.

No livro de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade* (2010, p.48), encontramos a seguinte explanação:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. A análise do cotidiano mostra que a relação entre essas duas formas de memória é, não raro, conflitiva. Na medida em que a vida psicológica entra na bitola dos hábitos, e move-se para a ação e para os conhecimentos úteis ao trabalho social, restaria pouca margem para o devaneio para onde flui a evocação espontânea das imagens, posta entre a vigília e o sonho.

Se Bandeira e Demétrio estiveram em conflito com suas respectivas duas memórias, nós não sabemos. Mas podemos acreditar que ambos souberam colocar cada memória em seu lugar, da mesma forma que a mesa estava posta e a casa limpa e arrumada em *Consoada*. Temos uma organização, uma construção de imagens simples e tão vivas e narráveis aos nossos olhos. Entre a vigília e o sonho? Resta-nos ver dia e noite, palpáveis,

reais, sinceros, simples e vivos, mesmos quando rodeados de morte.

No verso “*o meu choro aos poucos vira estalactite.*” o poeta potiguar nos faz enxergar essas lágrimas como algo que se eterniza, cristaliza e permanece nas lembranças. A tristeza fica presa na caverna, mas, quando é preciso, volta-se lá para encontrar, em meio às angústias, a poesia. E no trecho: “*Engano pensar que um trem/ é só máquina e vagões.*” Podemos perceber que nesse trem seguem muitos sonhos, medos, desejos, alegrias, tristezas, seguem pessoas, o trem não é só a máquina porque ele transporta pessoas cheias de inquietações e particularidades, cheias de histórias para contar, assim como o principal passageiro dessa viagem, Demétrio Diniz. Ou, melhor dizendo, ele é o condutor do trem e nós seguimos como passageiros, espiando a paisagem, as pessoas e a vida que corre sobre os trilhos em uma existência que jamais se definirá, mas que poeticamente nos vem trazer versos como o principal alimento durante essa longa, ou talvez curta, trajetória, porém sempre intensa.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do Mundo. 6°. Rio de Janeiro: Record, 1998. 176 p.
- ARIÈS, Philippe. História da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 290 p.
- DINIZ, Demétrio. Beleza Distante. 1° Natal: (RN): Barriguda, 2010. 83 p.
- DINIZ, Demétrio. Ferrovia. 1° Recife: Bagaço, 2007. 97 p.
- DINIZ, Demétrio Vieira. Haveres: poesia. 1° Natal(RN): Barriguda, 2004. 98 p.
- DINIZ, Demétrio Vieira. Passarás: poesia. 1° Natal(RN): Barriguda, 1999. 96 p.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: LEMBRANÇAS DE VELHOS. 16° São Paulo: Companhia Das Letras, 2010. 484 p.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Labirintos da memória: Quem sou? São Paulo: Paulus, 2008.

Autor(es)

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

Juliana FERNANDES RIBEIRO DANTAS, Prof^a. Mestranda.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Email: julianafrd@hotmail.com